

# OS ENIGMAS DO DIZER POÉTICO DE FLORBELA ESPANCA<sup>1</sup>

*Eliana Luiza Santos Barros\**

## **RESUMO:**

O trabalho mostra a interseção da psicanálise com a literatura. Freud nos indicou que os poetas antecipam os psicanalistas e Lacan reforça que a poesia produz testemunhos do inconsciente. Neste sentido, a obra de Florbela Espanca aponta para o real denunciando os enigmas da existência. Sob a luz dos conceitos freudianos que privilegiam a idéia de conflito pulsional, a escrita de Florbela remete a uma desordem entre forças construtivas e destrutivas versando sobre a vida e a morte, a dor e o amor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise. Literatura. Dor. Amor. Vida. Morte.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no V Congresso Nacional de Psicanálise da UFC/ XIV Encontro de Psicanálise da UFC - A letra, o olhar e a voz. 28, 29 e 30 de Maio de 2009.

\* Psicóloga Clínica, Psicanalista em formação associada ao Corpo Freudiano Escola de Psicanálise Seção Rio de Janeiro - End. Consultório: Av. das Américas, 3500. Sala 321, Bl. Toronto 3000. Barra da Tijuca CEP: 22631-003 - Tels.: 21 9228-1993/21 3936-8050 - elianaluiza@globo.com

Freud descobriu o inconsciente como uma dimensão de nossa alma e, a partir daí, Lacan concebeu o homem como um sujeito dividido. Freud sempre considerou a obra de arte um palco de investigação do inconsciente: qualquer caminho que o psicanalista escolha, o poeta já passou por ele antes. Daí a proximidade entre a psicanálise e a poesia, pois ambas se ancoram na força da palavra. Lacan acrescenta inclusive que a poesia é um dos testemunhos do inconsciente. Em *Poemas*, Florbela diz:

Só quem embala no peito  
Dores amargas e secretas  
É que em noites de luar  
Pode entender os poetas.

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada  
Que seja a minha noite uma alvorada,  
Que me saiba perder... para me encontrar...  
(Dal Farra, 1996, p .232)

A obra poética de Florbela nos remete para as mazelas do sujeito dividido: a dor de existir, o amor, a vida e a morte. Em seu livro *Amor Ódio & Ignorância*, Nadiá coloca:

Em todo escrito que não reproduz os sentidos correntes e congelados pelo código de uma língua podem ser rastreados pedaços de um sujeito evanescente. Serão encontradas coisas que se gostaria de dizer ou esquecer, promessas de um sonho de amor, tristezas de amores infelizes, desejos adormecidos e inconfessados, fantasmas que causam horror. Enfim, uma multiplicidade de situações dramáticas e de ditos que marcam o limite trágico da existência do homem no mundo (Ferreira, 2005, p. 210).

O amor é um dos temas constantes na obra de Florbela. “Passei a vida a amar e a esquecer.../ Um sol a apagar-se e outro a acender. /E este amor que assim me vai fugindo/ É

igual a outro amor que vai surgindo” (Dal Farra, 1996, p. 30). Marco Antonio diz: “O amor visa produzir sentido para fazer face à *falta de sentido radical* inerente ao regime do real originário”(Jorge, 2002, p. 146). O amor é uma invenção do humano em uma tentativa de fazer suplência à falta estrutural do sujeito, mas sabemos que o amor, na sua função de velar a falta, fracassa. O amor visa o ser, visa à suposição de que há no outro um saber. Talvez seja essa busca constante que Florbela nos aponta em sua obra.

Freud, no texto *Sobre o Narcisismo: uma introdução* (1914) destaca duas formas de escolha de objeto amoroso: narcísica e anaclítica ou de ligação. Na escolha narcísica, ama-se o que se é, o que se foi, o que se gostaria de ser ou o que é tomado como parte de si mesmo. Na escolha anaclítica, ama-se a mulher que alimenta ou o homem que protege.

Lacan nos ensina que o amor como sentimento da paixão, caracteriza-se pela predominância do imaginário e pela exigência de “querer ser amado”. O amor cobra reciprocidade: “Dize-me, Amor como te sou querida, Conta-me a glória do teu sonho eleito, Aninha-me a sorrir junto ao teu peito. Arranca-me dos pântanos da vida” (Dal Farra, 1996, p.107). Florbela, em seus poemas, decanta o amor, como o que vem em suplência a alguma coisa da ordem do real. Mas uma suplência que pudesse completar a sua alma irrequieta. Ou seja: um amor que denega a castração. Ela diz no poema, “*Ambiciosa*”: “O amor dum homem?/[...]Quando eu sonho o amor dum Deus!” (Ibid., p. 234). Estamos diante da fantasia de completude, apresentada na fala de Aristófanes, em *O Banquete*, de Platão: o amor é o que de dois se faz um. Ou seja: o amor se associa a promessa de plenitude. No poema, *Amar*, Florbela diz:

Eu quero amar, amar perdidamente!

Amar só por amar: Aqui... além..

Mais tarde

Este e Aquele, o outro e toda a gente...  
Amar! Amar! E não amar ninguém!  
(Ibid., p.232)

Florbela aponta de forma peculiar para o indizível. Mas para ela, o indizível, como marca do real, é sinônimo de sofrimento e de ânsia do absoluto. “Para onde vai a alma que morreu?/Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!/[...]Quem sabe se este anseio de eternidade,/A tropeçar na sombra, é a Verdade,/É já a mão de Deus que me acalenta?” (Ibid., p. 95). A ânsia de infinito, de algo inalcançável, é um elemento constante nos versos de Florbela.

Em suas poesias, aparecem questões que remetem para o desamparo fundamental, as perdas, a falta, enfim, a um vazio estrutural. A palavra poesia vem do grego *poíesis* que significa “ação de fazer alguma coisa”. A palavra poeta vem do grego *poietes* que significa “aquele que faz”. Florbela buscou fazer algo com sua dor de existir. Seu ato poético revela algo do real, que é da ordem do impossível de suportar. “Passo triste na vida e triste sou/ Um pobre a quem jamais quiseram bem!” (p. 123). Sua escrita é marcada pela repetição de temas de sofrimento, congregando desejo de felicidade e plenitude que só poderão ser alcançados no absoluto. Florbela, em suas poesias, evoca Eros e Tântatos. Seus versos giram em torno do enigma da existência, compondo-se em torno de um desconhecimento de si mesmo, que assombra o sujeito: Quem sou eu? “Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados, /Num mundo de maldades e pecados,/ Sou mais um mau, sou mais um pecador” (p. 253).

A dor de existir se associa à estrutura de falta do objeto do desejo, colocando em cena o objeto *a*, “que dá ao real seu verdadeiro estatuto: o objeto *a* é o objeto faltoso por

excelência e, por conseguinte, na medida em que o desejo mantém uma relação estrita com a falta, o objeto *a* é o objeto causa do desejo.” (Jorge, 2005, p. 96).

Então, o objeto *a*, como objeto causa do desejo, aponta para a impossibilidade de completude pela via do amor. Quando esse objeto *a* é revestido de brilho fálico, ele se transforma em agalma. E, como tal, seria o objeto que completaria o sujeito, seria a outra metade, a alma gêmea. O objeto que não há remete para o objeto para sempre perdido. A escrita é uma das formas de contornar o vazio deixado pelo objeto que, sem ter existido, é tomado como perdido para sempre.

Florbela, no poema “*Sem remédio*”, dá testemunho de sua dor diante do vazio:

Aqueles que me têm muito amor  
Não sabem o que eu sinto e o que sou  
Não sabem que passou, um dia, a Dor,  
À minha porta e, nesse dia, entrou.

[...] Sinto os passos da Dor, essa cadência  
Que é já tortura infinda, que é demência!  
Que é já vontade doida de gritar!  
(Dal Farra, 1996, p. 158)

Florbela chegou a engravidar, fez dois abortos e não pode ter filhos. Desta dor ela fala em seu poema “Filhos”, que se encerra assim: “Filhos! Na su 'alma casta, a nossa revive[...]/ Eu sofro pelas saudades /Dos Filhos que nunca tive” (Ibid., p. 68). A impossibilidade de ter filhos parece ser uma de suas grandes tristezas. Será que podemos pensar num processo de melancolização de Florbela também a partir destes abortos? A mulher é dividida entre a mãe e a mulher, entre o homem e o filho. O aborto pode trazer sentimentos de perda causando uma dor psíquica intensa. O que muitas vezes decorre deste ato é uma angústia devastadora, podendo causar vivências perturbadoras e traumatizantes com

profundas repercussões emocionais. O aborto pode ser considerado como um tipo particular de luto, pois há uma perda do objeto, refletida, concretamente, no corpo. Observa-se, através da escuta clínica de pacientes que sofreram o processo ou trauma do aborto, seja espontâneo ou provocado, a vivência de um sofrimento e de uma culpa que muitas vezes podem paralisar a vida do sujeito, se apresentando como um dilaceramento da alma, mergulhando o eu no desespero. “Na vida nada tenho e nada sou;/Eu ando a mendigar pelas estradas[...]/No silêncio das noites estreladas / Caminho, sem saber pra onde vou!” (p. 75).

Freud nos adverte, em *Luto e Melancolia* (1915), que o melancólico mostra o que está ausente no luto, uma diminuição extraordinária de sua auto-estima, um empobrecimento de seu ego. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. Florbela escreve no poema *Eu...* “Sou a crucificada... a dolorida... Sombra de névoa tênue e esvaecida, E que o destino amargo, triste e forte, Impele brutalmente para a morte! Alma de luto sempre incompreendida!... Sou a que chora sem saber porquê...” (p. 133). Na melancolia há um empobrecimento do eu do sujeito ocorrendo uma identificação do eu com o objeto perdido e não há clareza sobre o que realmente foi perdido. “Espera...espera...ó minha sombra amada...Vê que para além de mim já não há nada.” (p. 84). Esta sombra que Florbela tanto se refere seria “A sombra do objeto que recai sobre o eu”? Como nos diz Freud? Florbela diz: “Sombra da tua sombra, doce e calma, Sou a grande quimera da tua alma E, sem viver, ando a viver contigo” (p.133). Nesses versos, Florbela parece estar à sombra, incorporando o objeto perdido, na tentativa de fazê-lo perdurar. “Ah, cinzas mortas! ah, luz que se apaga!/Vou sendo, em ti, agora, a sombra vaga/ D’alguém que dobra a curva duma estrada” (p. 49). Na melancolia haveria uma introjeção do objeto (Freud, 1921, p. 119) e uma cruel auto depreciação do eu, combinada com uma inexorável autocrítica e autocensuras, em que o sujeito se coloca no lugar de dejetos, por achar que não vale nada se

perde junto com o objeto. Florbela aponta para uma posição subjetiva de desmerecimento e auto-acusação. Sua escrita alude para certa precariedade da estrutura do eu, um eu esvaziado.

Como nos ensina Freud, o sujeito se identifica com o objeto e a libido se escoia com o objeto perdido, reduzindo o sujeito à pura pulsão de morte, numa posição de miserabilidade da vida. A subjetividade e o eu se perdem no objeto perdido. No texto *O Ego e o Id*, (1923), Freud diz, literalmente, que na melancolia há uma defusão das pulsões e um escoamento da libido, fazendo com que o sujeito se torne, essencialmente, pulsão de morte. Segundo o entendimento de Nadiá, a pulsão de morte visa ao aniquilamento do significante. Há duas vias para a pulsão de morte: nascer de novo, totalmente impossível ou a sublimação pela via da criação. Florbela passou a vida a se torturar com o amor e a morte:

O meu mundo não é como o dos outros, quero demais, exijo demais; há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesma compreendo, pois estou longe de ser uma pessimista; sou antes uma exaltada com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que não se sente bem onde está, que tem saudade... sei lá de quê! (Dal Farra, 1996, p. 09).

A melancolia que se delineia nos textos de Florbela apresenta-se com vários matizes e disfarces. Seus escritos trazem à baila perdas, mas há também uma confirmação da vida, uma vez que ela se refere insistentemente ao amor. Apresenta em seus textos um cruzamento das pulsões de vida e de morte. As pulsões de vida e a pulsão de morte comparecem sempre fusionadas de modo que não se percebe a presença silenciosa da pulsão de morte, subjacente aos processos ruidosos da primeira. Além das pulsões de vida, Freud postulou a pulsão de morte (1920) cujo objetivo é reduzir toda e qualquer tensão a um ponto zero. A pulsão de morte, que é tanto primitiva quanto conservadora, aponta a inércia e é distinta das pulsões de vida. As pulsões de vida, formada pelas pulsões sexuais e pelas

pulsões de autoconservação também são conservadoras, mas trabalham no sentido de reorganizar aquilo que as pulsões destrutivas desatam. O psiquismo, regido pelo princípio do prazer, está submetido a algo que escapa e que impele o sujeito a repetir através de um processo inconsciente, levando-o a se colocar em situações dolorosas. É através da análise de fenômenos que indicam uma repetição agindo insistentemente, que Freud se vê levado a conceber a pulsão de morte. Freud conclui: “Mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser rememorado e elaborado na mente” (1920, p. 28).

Tudo cai!Tudo tomba!Derrocada  
Pavorosa!Não sei onde era dantes  
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!  
Não sei de nada Deus não sei de nada!

Passa em tropel febril a cavalgada  
Das paixões e loucuras triunfantes!  
Rasgam-se as sedas, quebram-se os diamantes!  
Não tenho nada, Deus não tenho nada!

Pesadelos de insônia ébrios de anseio,  
Loucura a esboçar-e, a anoitecer  
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sozinha!  
Ó pavoroso e atroz mal de trazer  
Tantas almas dentro da minha!...  
(Espanca, 2007, p. 09)

Na criação literária de Florbela o que se evidencia é a maneira como ela conjuga amor e morte. Em seu texto há um embate entre essas duas forças conflitivas. Em alguns momentos, sua produção criativa emerge totalmente a favor da vida. ”Mas eu sou a manhã: apago estrelas!/Hás de ver-me, beijar-me em todas elas,/Mesmo na boca da que for mais linda! E quando a derradeira, enfim vier,/Nesse corpo vibrante de mulher/ Será o meu que hás de encontrar ainda...” (Dal Farra, 1996, p. 74). Neste outro soneto ela proclama a



busca constante pelo amor “Onde estás ó meu amor,/Que te não vejo apar’cer?/Para que quero eu os olhos/Se não servem pra te ver?” (p. 32).

Há produções em que, no entanto, aparece uma imobilidade que está além do principio do prazer, apontando para um gozo. No seminário sobre a angústia, Lacan nos ensina que “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (2005, p. 197). O que nos parece é que o amor não foi suficiente para resgatar Florbela do gozo mortífero. Seu texto parece nutrir-se do biográfico apontando para algo confessional. “[...]Não tenho nada, Deus, não tenho nada!/[...]Ó Pavoroso mal de ser sozinha!” (Espanca, 2008, p. 145). Ela parece estar a beira de um abismo, num sofrimento incessante. “Cheguei a meio da vida já cansada/ De tanto caminhar!Já me perdi!/[...]Sou neste mundo imenso a exilada./ [...]Se eu sempre fui assim este mar morto, /Mar sem marés , sem vagas e sem porto/Onde velas de sonhos se rasgaram.” (Dal Farra, 1996, p. 29). Parece que seus empenhos de amor se frustraram, mas ela continua sondando o indefinível do amor, este mistério que não pode ser esclarecido pela razão. O universo do amor é paradoxal, coexistindo elementos contrários. Um encontro entre céu e inferno, alegria e dor, vida e morte, como ela nos mostra em sua obra.

A dor faz com que a homeostase do aparelho psíquico e o principio de prazer sejam suprimidos. O principio do prazer é um dos dois princípios que, de acordo com Freud dirige o funcionamento mental. A atividade psíquica no seu conjunto tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer. Freud desenvolverá a importância da dor na economia psíquica em seu artigo de 1924 sobre “O problema econômico do masoquismo”, no qual realçará a disposição masoquista como algo marcante na vida pulsional. No soneto *Impossível*, Florbela confessa: “[...] A minha dor não cabe Nos cem milhões de versos que eu fizera!” (Dal Farra, 1996, p.162).

Freud, no texto *Mal Estar na Civilização* (1930), fala das três fontes inevitáveis do sofrimento humano: o processo de envelhecimento e morte do corpo; os

fenômenos da natureza, tais como terremoto, furacão, tempestades etc.; e os vínculos entre os seres humanos. Florbela foi incompreendida “[...] Até hoje não há ninguém que de mim se tenha aproximado que não me tenha feito mal” (Espanca, 2008, p. 09).

Através de biografias, sabemos que Florbela sentia-se excluída por seus pares e pela sociedade de sua época: censurada; vítima do preconceito que imperava naquele momento histórico contra a mulher; sofreu críticas virulentas a sua obra. “Minh’alma é a Princesa Desalento, Como um poeta lhe chamou, um dia. É revoltada, trágica, sombria, Como galopes infernais de vento!” (p. 48).

Maria Lucia Del Farra, uma de suas biógrafas, diz que Florbela, em alusão direta a Inês de Castro, só se tornou rainha depois de morta. Foi preciso morrer para receber o que tanto desejou em vida: o reconhecimento de sua obra poética. “Rasga esses meus versos que eu te fiz, Amor! Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento, Que as cinzas os cubra, que os arraste o vento” (p.138). Ainda em seu auto-retrato ela mostra a insatisfação de não ser compreendida: “O meu talento! De que me tem servido? Não trouxe nunca as minhas mãos vazias a mais pequena esmola do destino.../Talvez culpa minha, talvez...” (Dal Farra, 1996, p. 9).

Florbela D’Alma da Conceição Espanca, filha de mãe solteira, nasceu em 1894, em Vila Viçosa (Alentejo), na casa de sua mãe Antônia da Conceição Lobo, criada de servir – como se dizia na época. O pai, João Maria Espanca casado com Mariana do Carmo Ingleza, providenciará para que a esposa se torne madrinha de batismo da filha. Embora em seu registro de nascimento conste ser “filha ilegítima de pai incógnito” ela será criada pelo pai e pela madrastra, desde seu nascimento. O mesmo acontece com seu único irmão de sangue, Apeles Demóstenes da Rocha Espanca. Apeles nasce em 10 de Março de 1897, sendo também filho de Antônia, a mãe de Florbela que o pai novamente procurou para ter outro filho. Só que, ao contrário de Florbela, este vive com a mãe até aos quatro anos, quando esta

vai para Évora e o pequeno passa a viver com os Espanca. Pouco depois, Antônia falece, e Florbela a partir de então passa a ter com o irmão uma relação de proteção, talvez buscando preencher o lugar da mãe.

Seu pai, republicano ferrenho, introduz em Portugal o cinema e, também, era um apaixonado por fotografia. Florbela em muitos momentos serviu-lhe de modelo. Somente dezenove anos após a sua morte, na época da inauguração de seu busto em Évora, por insistência de um grupo de florbelianos, o pai a reconheceu como filha no registro.

Florbela casou-se três vezes, numa época em que o divórcio ainda era raramente praticado. Nunca teve filhos, fez dois abortos. Iniciou o curso de Direito, estudando por três anos sem, contudo concluí-lo. Foi uma das grandes figuras da primeira década da literatura portuguesa do século XX. A poesia foi um dos recursos para lidar com seus males, suas dores e seus amores. Lacan afirma que: “Uma escrita é, portanto, um dizer que dá suporte ao pensamento.” (2007, p. 140) Florbela, diante do desamparo, tentou reinventar a vida através de sua escrita. A dor foi mola propulsora dessa escrita. Tecendo com as palavras, ela borda fios que não costuram o vazio, mas retratam o amor, a vida, a morte, a dor e o sofrimento.

Freud em *Escritores criativos e devaneios* (1908), afirma que os temas escolhidos pelo escritor estão diretamente ligados aos seus devaneios. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que a obra literária seria um modo infantil de brincar e de fantasiar. Florbela, aos oito anos, fez seu primeiro poema, intitulado *Vida e Morte*: “O que é a vida e a morte/Aquella infernal inimiga /A vida é o sorriso/E a morte da vida a guarida /A morte tem os desgostos/ A vida tem os felises /A cova tem as tristezas/ I a vida tem as raízes”.<sup>2</sup> Desde muito cedo buscou definir e indagar o que é a vida e a morte. Os paradoxos que ligam a vida e a morte serão os temas de sua poesia.

---

<sup>2</sup> Para uma breve biografia da autora, ver o sítio:  
[http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela\\_espanca/biografia.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela_espanca/biografia.html)

Após a morte do irmão, Apeles, cujo hidroavião que pilotava caiu no Tejo, a vida de Florbela se dilacera. Em 1927, mesmo ano da morte do único e tão amado irmão, ela escreve *As máscaras do destino*, com a seguinte dedicatória: “A meu irmão, ao meu querido Morto”<sup>3</sup>. Os textos deste livro têm como tema a morte, numa tentativa de elaborar o luto pela perda do irmão. Freud nos ensina que, no trabalho do luto, toda atividade mental está voltada para o objeto perdido (Freud, 1915). De todas as suas dores, possivelmente esta foi a mais intensa, o que atestam as suas palavras:

É verdade, meu pai, o nosso rapaz, o nosso querido pequenino, morreu. Parece um pesadelo mas não é. Morreu. Parece que morreu tudo, que ele não deixou cá nada ficar, parece que levou tudo. A gente é muito forte, já que não endoidece nem morre depois dum pavor assim. Eu cá estou ainda, vivo, ando, falo, depois das horas de martírio como não pode haver outras neste mundo.

(Guedes apud Bellodi, 2005, p. 13)

A dor e a perda sempre atormentaram Florbela. A dor é o último afeto, é o que resta antes da loucura e da morte, é um estremecimento derradeiro que confirma a vida. Sobre a dor da perda Nasio argumenta:

Sabemos que esse estado de dor extrema, mistura de esvaziamento do eu e de contração em uma imagem – lembrança, é a expressão de uma defesa, de um estremecimento de vida. Também sabemos que essa dor é a última muralha contra a loucura. No registro dos sentimentos humanos, a dor psíquica é efetivamente o derradeiro afeto, a última críspação do eu desesperado, que se retrai para não naufragar no nada (Nasio, 1997, p. 12).

---

<sup>3</sup> Este livro é dedicado integralmente ao irmão. Todos os textos são permeados pelo tom fúnebre e com temas de morte.

A dor acontece quando há um deslocamento maciço e súbito de energia. Assim o desinvestimento do eu e da imagem dói. O esvaziamento e esgotamento inesperado do eu é um fenômeno doloroso.

Aos 36 anos, Florbela, no ano de 1930, se suicida, tomando doses excessivas de medicamentos. Ela se mata no dia do seu aniversário e finda seu diário com a frase singular: “e não haver gestos novos nem palavras novas!”<sup>4</sup>.

Ela se utilizou da escrita para circunscrever o real, este impossível de simbolizar e que nos remete ao traumático e ao inassimilável. Freud, no texto de 1920, *Além do princípio do Prazer*, fala da tendência do aparelho psíquico para reduzir as tensões internas a um ponto zero, aproximando-se do princípio de Nirvana. Sabemos que o gozo é um conceito lacaniano, elaborado a partir do conceito freudiano de pulsão de morte. Para Lacan (2008, p. 260), o gozo corresponde ao que Freud chamava de para além do princípio do prazer e se articula com o real. Lacan também ressalta a força criadora da pulsão de morte, como “vontade de criação a partir de nada, vontade de recomeçar”. Para ele, toda obra de arte que aponta para o real é sublimação. A dor para Florbela é estímulo e elã para criação literária. “A minha dor é um convento ideal...” (Dal Farra, 1996, p. 138). De acordo com Maria Lucia, Florbela fala da dor como um santuário de beleza dolorosa. “Há como que um comprazimento voluptuoso na dor, há nela uma estranha beleza, um insólito brilho e uma bizarra cor, uma ambiência mística, hierática, convulsiva, sofisticada, misteriosa” (Quinet, 2002, p. 303).

A escrita nem sempre é remédio, pois não barra integralmente as pulsões destrutivas, portanto pode se fazer poesia até a morte, pulsando a força da letra. A escrita ordena o pensamento, barra o gozo, mas não cura. “Morte, minha Senhora Dona Morte, Tão bom que deve ser o teu abraço! Lânguido e doce como um doce laço E como uma raiz, sereno

---

<sup>4</sup> Essa frase encerra seu diário em 2 de Dezembro, segundo informa Maria Lucia Del Farra em seu livro *Poemas Florbela Espanca* (1996).

e forte. Não há mal que não sare ou não conforte... Dona Morte dos dedos de veludo...” (Dal Farra, 1996, p. 147).

A obra de Florbela aponta para o real indizível, conjugando gozo e morte. Os enigmas que velam o gozo e a morte são os enigmas do real. Diante desses enigmas, Florbela lança-se freneticamente a procura do amor, que a leva ao encontro da morte. O amor não foi suficiente para defendê-la da pulsão de morte. “E há cem anos que eu era nova e linda!... E a minha boca morta grita ainda: Porque chegaste tarde, ó meu Amor?!...” (p. 186)

E termino com o poema “Deixai entrar a morte” onde Florbela emprega uma linguagem para falar do inominável da morte da qual ela parece estar impregnada.

Deixai entrar a morte, a iluminada,  
A que vem para mim, pra me levar,  
Abri todas as portas par em par  
Como asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A deserdada,  
A que prendeu nas mãos todo o luar,  
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar,  
E que, ao abri-las não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, pra que nasceste?  
Entre agonias e em dores tamanhas  
Pra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti?...pra que eu tivesse sido  
Somente o fruto das entranhas  
Dum lírio que em má hora foi nascido!...  
(Dal Farra, 1996, p. 300)

## REFERÊNCIAS

BELLODI, Zina C. *Melhores Poemas/Florbela Espanca*. São Paulo: Global Editora, 2005.

Biografia. *Florbela Espanca*. CITI – Centro de Investigação para tecnologias interactivas. Disponível em: <[http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela\\_espanca/biografia.html](http://www.citi.pt/cultura/literatura/poesia/florbela_espanca/biografia.html)> Acesso em: 14 abr. 2009.

DAL FARRA, M. L. *Poemas. Florbela Espanca*. Estudo Introdutório, organização e notas de Maria Lucia – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DAL FARRA, M. L. *A Margem dum soneto/O resto é perfume: Florbela Espanca*: Posfácio e fixação do texto. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

ESPANCA, Florbela. *As Máscaras do Destino*. São Paulo: Aquariana, 2003.

\_\_\_\_\_. *Poesia de Florbela Espanca v.1/v.2* Porto Alegre: L&PM, 2008.

FERREIRA, Nadiá Paulo. *A teoria do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

\_\_\_\_\_. *Amor, Ódio & Ignorância*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos Livraria e Editora/Contra Capa Livraria/Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, 2005.

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1917 [1915]) *Luto e melancolia*. vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1929-30). *O mal-estar na civilização*. vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1907-08). *Escritores criativos e Devaneios*. vol. XXI.

\_\_\_\_\_. (1923) *O Ego e o Id*. vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1921). *Psicologia de Grupo e Análise do Ego*. vol. XVII.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

KAUFMAN, P. *Dicionário enciclopédico de Psicanálise - o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. (1958). “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud.” In: *Escritos*, LACAN, J. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. (1959-60). *O Seminário, livro 07: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

\_\_\_\_\_. (1962-63). *O Seminário, livro10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

\_\_\_\_\_. (1975-76). *O Seminário, livro23: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2007.

QUINET, Antonio (org.). *Extravios do desejo: depressão e melancolia*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

ROUDINESCO e PLON. *Dicionário de Psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

### THE ENIGMAS OF POETIC SAYING OF FLORBELA ESPANCA

#### ABSTRACT:

The paper evinces the intersection of the psychoanalysis with the literature. Freud shows us that the poets advance the psychoanalysts and Lacan reinforces that the poetry produces testimonies of the unconscious. In doing so, the literary work of Florbela Espanca indicates for the real, denouncing the enigmas of the existence. In the light of the Freudian concepts, which privilege the idea of pulsional conflict, the writing of Florbela refers to a disorder between constructive and destructive forces versing about life and death, pain and love.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis. Literature. Pain. Love. Life. Death.

### LES ÉNIGMES DE L'ÉNONCIATION POÉTIQUE DE FLORBELA ESPANCA

#### RÉSUMÉ:

Le travail montre l'insertion de la psychanalyse avec la littérature. Freud nous a indiqué que les poètes antecipent les psychanalystes et Lacan renforce que la poésie produit les témoins de l'inconscience. De ce fait l'œuvre de Florbela Espanca montre la réelle, dénonçant les énigmes de l'existence. Sous la lumière des concepts freudiano qui privilegient l'idée de conflit pulsional, l'écrit de Florbela remet un desordre entre les forces constructives et destructives se retournant la vie et la mort, la douleur et l'amour.

**MOTS-CLÉS:** Psychanalyse. Littérature. Vie. Mort. Douleur. Amour.

Recebido em 13/12/2009

Aprovado em 30/0/2010

© 2010 *Psicanálise & Barroco em revista*  
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/CNPq – UFJF.  
[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.  
Memória, Subjetividade e Criação.  
[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

[www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)